



SPACEWORKERS

Casa Sambade
Paredes, Portugal

PORTUGUESES A DAR CARTAS

“É uma obra de um *atelier* recente com gente nova. Foi capa da última *Wallpaper** [julho de 2015]. Aliás, que português foi capa de uma *Wallpaper**? Pois, ninguém, tirando esta dupla de arquitetos de Paredes. Orgulho é só o que posso dizer. Trabalhar com miúdos assim é ver novamente Portugal a voltar a um registo de topo no mundo da arquitetura.”

verdade, passado uns meses, a vida ganhou outro interesse, outra cor.”

Essa outra cor fez com que, depois de cinco anos em Macau, a trabalhar num *atelier* e a produzir arquitetura, voltasse a Lisboa para, juntamente com o irmão, Sérgio Guerra, se aventurar no mundo da fotografia de arquitetura. Com muito suor, estabeleceu a FG+SG e, hoje, conta no portefólio com mais de 2.500 trabalhos. Aquilo de que mais se orgulha tem resposta rápida: ser fotógrafo de Álvaro Siza. “Qualquer projeto seu que fotografo e qualquer viagem que façamos juntos são sempre momento extraordinários. Nada me dá mais gozo do que encontrar o Siza em Frankfurt, ir para Seul ou Xangai durante semanas e ter a oportunidade de fazer um registo, que já é histórico, de uma pessoa singular, que respeito muito e por quem tenho uma amizade rara”, realça.

Questionado sobre como olha para a arquitetura feita nos dias de hoje, Fernando Guerra afirma não existir nenhuma regra estabelecida. Mais do que tendências, “privilegia-se a qualidade do que se constrói, seja espacialmente ou nos acabamentos”. Especificamente no país, vai mais longe. “A arquitetura em Portugal tem tantos profissionais bons a trabalhar que só mesmo sendo muito bom se sobrevive e se cresce.”

Na fotografia, diz interessar-lhe muito mais uma casa em que se usou um mosaico hidráulico com um desenho de 50 anos do que um pavimento novo, tecnicamente indestrutível, mas aborrecido e de gosto discutível. Para si, as melhores imagens são obras do acaso. “Só é preciso estar pronto para o apanhar quando o instante chegar”, diz. Sem nunca se ter interessado por uma certa “escola de fotografia de arquitetura”, despida de gente, muito clínica, fria e vazia,

Fernando Guerra gosta de fotografar uma obra quase como se fosse um repórter invisível, como se fosse jornalismo, mas não o sendo. “Agrada-me, de certa forma, mostrar a realidade do projeto. Quem está na obra por acaso ou não. Mais do que apenas mostrar a escala e a forma da obra, interessa-me usar as pessoas como aquilo que realmente lhe dá sentido. Vida.”

Afinal, o que é uma boa fotografia? A resposta não é complexa. Uma boa imagem de arquitetura é aquela que comunica a obra. “Como se faz isso? É exatamente o que me dá prazer. A dúvida permanente de como se comunica uma coisa. O que, no meu caso, é todos os dias, num sítio muitas vezes longe e que serve uma função diferente. Encanta-me essa comunicação poder ser feita a partir de um detalhe do projeto ou de uma imagem do quarteirão tirada a 200 metros. Pode fazer-se tudo. Não existem regras no que faço ou como faço. Tudo é diferente, todos os dias. E sim, mesmo depois de 2.500 trabalhos”, conclui. No final do dia, se as fotografias responderem às perguntas “onde fica?”, “o que é?” e “para que serve?”, a missão foi bem sucedida. •

Álvaro Siza
Carlos Castanheira
Shihlien Chemical Industrial Park Office
Jiangsu, China

DO MESTRE SIZA

“Uma obra-prima do mestre com Carlos Castanheira. O que posso dizer senão que me perco na forma do edifício? Além disso, voar na China é muito mais difícil do que em Portugal, mas consegui. Um dia perfeito de poluição dá também o tom certo à imagem.” E, entretanto, dá-se a volta a um problema de falta de luz. “Se chove, tira-se partido da chuva. Que remédio! Estar a 12 mil quilómetros de casa ajuda muito a arranjar alternativas. Dizer que se faz amanhã nem sempre é possível.”

